

Laboratório nas florestas do vizinho

Categories : [Copenhague](#)

foto: Gustavo Faleiros

O presidente da Guiana, Bharrat Jagdeo, é um líder carismático. Eleito por votação democrática em 1999, ele continua a vencer eleições e liderar esta antiga colônia britânica de 752 mil habitantes, cuja a pequena economia depende basicamente de exportações de commodities agrícolas e minerais. Embora muitos não saibam a localização da pequena Guiana no mapa, Jagdeo está se tornando famoso em todo mundo por apostar suas fichas em algo que pode soar pura utopia: florestas tropicais.

A Guiana acaba de se tornar o primeiro país a assinar um acordo de grande escala de compensação por desmatamento evitado. A Noruega se comprometeu, em tratado firmado no último dia 9 de novembro, em investir 250 milhões de dólares até 2015 para que a florestas guianenses sejam deixadas em pé.

Na quarta-feira (18), Jagdeo esteve em Londres, em um evento promovido pela não-governamental [Global Witness](#) para explicar mais detalhes do acordo a um grupo de ambientalistas e jornalistas. O Eco estava entre os convidados e teve oportunidade de apresentar algumas questões ao presidente. Embora a notícia de um chefe de estado assumindo o compromisso de preservar florestas seja bastante auspiciosa, há entre ambientalistas grandes dúvidas sobre como isso poderá ser executado.

Em 2010, 30 milhões de dólares serão repassados pelo governo da Noruega à Guiana. O restante dos recursos só será entregue se o programa de preservação das florestas for bem sucedido. Por isso, disse Jagdeo, o principal esforço neste momento é criar uma metodologia de monitoramento das florestas que seja “transparente e passível de auditorias.” “Não estamos falando de projetos pilotos que muitas vezes concentram boas práticas enquanto a floresta continua a ser destruída em outros países. Esse é um modelo de escala nacional”, enfatizou o presidente.

Ao contrario do vizinho Brasil, a Guiana é conhecida por suas baixas taxas de desmatamento; 85% do país ainda é recoberto por matas nativas, o equivalente a 18 milhões de hectares. Além do monitoramento, o principal desafio do governo guianense será criar um sistema financeiro que distribua recursos para populações indígenas e agricultores que hoje vivem e dependem da extração, ainda que pequena, de madeira, caça e outros bens da floresta.

Jagdeo deixou claro que há muito o que se decidir sobre como implementar a política de desmatamento evitado. No entanto, frisou que isso não deveria ser motivo de desconfiança. “Eu

ouço muitos dizendo que é preciso compromisso de nossa parte para que de fato não haja desmatamento. Mas esse dinheiro que a Noruega está nos dando é apenas uma pequena parcela. Precisamos de maior comprometimento de outros países desenvolvidos. Vocês têm que entender que eu estou pedindo às pessoas da Guiana que abram mão de usar um recurso. Se isso falhar, haverá uma cobrança muito grande. Nós estamos assumindo esse risco”, disparou.

Desmatamento zero?